

PERFIL DOS DOCENTES DO CURSO TECNICO DE ENFERMAGEM NO BRASIL: REVISAO NARRATIVA DA LITERATURA¹

Vânia da Rosa Friedrich², Bruna I. Carpes Souto Melo³

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação de Formação Pedagógica para Docentes da Educação Profissional Técnica e Tecnológica apresentado na forma de artigo científico como requisito parcial para obtenção do grau de Enfermeiro Especialista.

² Enfermeira assistencial no hospital Unimed noroeste/RS, Pós graduada Latu Sensu em Enfermagem em Terapia Intensiva Coronariana e Hemodinâmica, DCVida/UNIJUÍ, vania-_friedrich@yahoo.com.br

³ Professora Orientadora, Mestre em Psicologia. Especialista em Docência para o ensino Superior. Especialista em Metodologias e gestão para a educação. Professora do programa de Pós Graduação de Formação Pedagógica para Docentes da Educação Profissional Técnica e Tecnológica. bcarpes@hotmail.com

RESUMO

Objetivo: Realizar uma revisão da literatura no que se refere ao perfil dos docentes do curso técnico de Enfermagem no Brasil, bem como, um resgate histórico do ensino profissional de Enfermagem e, identificar as principais dificuldades e potencialidades encontradas pelos docentes da educação profissional. **Método:** Estudo qualitativo de revisão narrativa da literatura. O período da abrangência da pesquisa foi entre março de 2017 a maio de 2017. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos com data superior à 2012, em português, disponíveis na versão on line e gratuitamente. Critérios de exclusão: artigos com data inferior a cinco anos, cursos técnicos de áreas diferentes da saúde, artigos estrangeiros e não gratuitos. Foram encontrados um total (n=07) documentos, que apresentaram características às do universo da pesquisa. **Resultados:** Os docentes predominantes são do sexo feminino, faixa etária entre trinta e trinta e nove anos, a maioria se encontra satisfeita como docente, grande parte dos professores ministram mais de uma disciplina e a maioria dos sujeitos possui outros empregos. **Conclusão:** Mais estudos nesta área sejam construídos para embasar a construção de projetos pedagógicos das instituições de ensino.

Palavras chaves: Prática Profissional. Educação em Enfermagem. Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Este é um estudo que partiu do olhar de uma enfermeira sobre a prática profissional de Enfermeiros-Docentes. A grande preocupação estava em compreender o cenário da educação Técnica Profissional no Brasil no contexto de cursos técnicos da área da saúde.

A realidade educacional, no Brasil, é de grande complexidade com inúmeros desafios e problemas que se inter-relacionam com o panorama político, econômico e social do país. Atualmente, o cenário educacional é resultado de uma grande ação embasada na ampliação de ofertas de cursos

profissionalizantes que, incentivam a formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. E esta, tem sido uma proposta educacional vigente (PARECER CNE/CEB Nº 39/2004).

Assim, variadas propostas do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024 Lei 13.005) em conjunto com o Sistema Educacional de Educação Profissional e Técnica (Lei Federal nº 8.948/94) são geradores de incentivos que, consolidam o sistema de Educação Brasileiro geradores de uma ampliação da Educação Profissional.

O termo “educação profissional” é genérico, normalmente usado juntamente com outras expressões como: ensino técnico, ensino profissionalizante e formação profissional. Mas sabe-se que segundo o estabelecido na LDB (Lei nº 9394/96) o Sistema Educacional Brasileira a educação Profissional está dividida em três níveis: básico, técnico e tecnológico (SILVA; PIMENTEL; FINARDI, 2014).

No Sistema de Educação Nacional a educação tecnológica básica ficou definida como não formal, de duração variável e com a intenção de qualificar e atualizar o trabalhador para a sua função; a técnica, destinada ao público que está cursando ou já cursou o ensino médio; e a tecnológica que garante a formação superior (graduação e pós- graduação) de jovens e adultos (BRASIL, 1997).

Dentre os Cursos Técnicos e ou Profissionalizantes, de acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos ([Resolução CNE/CEB nº 01/2014](#)) um dos eixos estruturantes que movem a formação de mão de obra qualificada está o Eixo Tecnológico intitulado de “Ambiente, Saúde e Segurança”, o que contempla cursos da área de saúde, entre eles, escolhe-se para fins de análise e discussão, neste estudo, o de formação para Técnico em Enfermagem.

À partir deste pressuposto, ampliou-se a oportunidade de atuação profissional para os enfermeiros, possivelmente grande parcela desses profissionais atuam como docentes no seu primeiro vínculo trabalhista. Dada a magnitude e importância desta força de trabalho, torna-se relevante o desenvolvimento desta pesquisa, cujo questionamento é: qual é o perfil dos professores que atuam em curso Técnico de Enfermagem no Brasil?

Neste cenário de constantes mudanças e desafios, o exercício da docência, demanda do professor a prática de conhecimentos específicos: técnico-científicos. Nesta perspectiva é que o objetivo geral deste estudo foi de realizar uma revisão narrativa da literatura, no que se refere ao perfil dos docentes do curso técnico de Enfermagem no Brasil. Bem como, um resgate histórico do ensino profissional de Enfermagem e identificar as principais dificuldades e potencialidades encontradas pelos docentes da educação profissional.

Para tanto este estudo, organizou-se em uma revisão de literatura com o propósito de compreender qual o perfil dos docentes atuantes em cursos técnicos de enfermagem no Brasil e para tanto foi realizado um estudo de método qualitativo de revisão narrativa da literatura, à partir da construção

do “estado da arte” de artigos, utilizamos os descritores padronizados nas Ciências da Saúde, a saber: Enfermagem, Prática Profissional, Educação em enfermagem.

A escolha de descritores da ciência da saúde, deu-se com a intenção de realizar um estudo com base científica e assim contribuir para o crescimento da atuação docente como prática profissional da enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa da literatura. Revisões narrativas são publicações amplas apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e ou eletrônicas, na interpretação e análise crítica pessoal do autor. Essa categoria de artigos tem papel fundamental para a educação continuada, pois permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

A pergunta de pesquisa foi: qual é o perfil dos professores que atuam em curso Técnico de Enfermagem no Brasil? A busca de artigos incluiu pesquisa em bases de dados eletrônicas abertas. O período de abrangência foi entre março de 2017 a maio de 2017. Para a busca dos artigos utilizamos os descritores padronizados pelos Descritores em Ciências da Saúde, a saber: Enfermagem, prática profissional, educação em enfermagem.

Os títulos e os resumos de todos os artigos identificados na busca eletrônica foram revisados. Quando possível, os estudos que pareceram preencher os critérios para sua inclusão foram obtidos integralmente. Com base nesta ação, foi criada uma lista de artigos para serem incluídos no estudo. Os resumos foram compilados e direcionados segundo os objetivos para a construção do artigo. Os critérios de inclusão foram: artigos com data superior à 2012, terem sido realizados em português e disponíveis on line gratuitamente. Os critérios de exclusão foram: artigos com data inferior a cinco anos, cursos técnicos de áreas diferentes da saúde, artigos estrangeiros e não gratuitos.

Foi desenvolvida a análise de conteúdo, que conta com três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados, possibilitando uma visão abrangente do conteúdo. A leitura integral do artigo possibilitou a transcrição dos resultados e de trechos significativos. A leitura exaustiva se deu pela releitura dos textos, de forma integrada, podendo relacioná-los e sintetizá-los, observando as convergências, divergências e semelhanças existentes sob a ótica de diferentes autores.

DESENVOLVIMENTO

Os primeiros cursos profissionalizantes na área da Enfermagem surgiram em 1934, com a intenção de suprir a falta de assistência aos pacientes internados em hospitais. O preparo de um Enfermeiro era muito caro e demorado, para tanto, a solução foi a criação dos cursos de auxiliar de enfermagem, este preparava profissionais em larga escala além de prestar uma assistência direta ao paciente, por meio de cursos rápidos e mais baratos (FROZONI; SOUZA, 2013).

A regulamentação para o exercício da profissão só foi reconhecida 20 anos mais tarde, á partir da publicação da Lei do Exercício Profissional nº 7.498/86, que foi regulamentada pelo Decreto-Lei nº 94.406/87. Essa lei diferencia as atribuições dos diferentes profissionais de enfermagem e estabelece a diferença entre os profissionais de nível médio (BRASIL, 1986).

Para contemplar as diretrizes curriculares nacionais do técnico de enfermagem, a aprendizagem e a posição que o professor deve assumir em relação ao aluno pautada no respeito mutuo, a confiança, a percepção do aluno como integral. Cabe ao professor buscar correntes que orientem sua prática pedagógica, e determinem o modo de ensinar e aprender, sendo necessário refletir sobre a sua prática, questionando-se de qual modo se aproxima a sua pratica pedagógica (CAMPOS; GRECO, 2011).

No contexto atual, o professor responsável pela formação de trabalhadores de nível técnico, deve ser capaz de catalisar e promover a articulação de todos os elementos que permitem a formação profissional, conseguindo dessa maneira promover a aprendizagem direcionada para a autonomia do sujeito. Para que o docente consiga atuar desta maneira, ele deve ter um conhecimento aprofundado, experiência, visão, prática profissional e domínio pedagógico específico do seu campo de trabalho (FROZONI; SOUZA, 2013).

A atuação na docência em nível técnico de enfermagem traz crescimento e indagações quanto a prática pedagógica do enfermeiro, visto que esta não é a sua atividade principal, porém, a realidade em relação ao preparo dos professores é outra. Muitas adversidades permeiam a formação, como a falta de estímulo salarial, o que gera desinteresse e falta de investimento em atualizações, além do acúmulo de vínculos empregatícios levando a docência como função secundária (FROZONI; SOUZA, 2013).

Os enfermeiros envolvidos no ensino profissional de enfermagem nem sempre são licenciados ou possuem uma capacitação pedagógica, contam apenas com o conteúdo curricular da graduação que muitas vezes não dá conta de trabalhar as questões pedagógicas na formação do enfermeiro (SOUZA; PRESOTO, 2013).

Na falta de recursos, o professor precisa adaptar-se e improvisar, tentar suprir as necessidades de ensino aprendizagem. Conviver com a falta de materiais adequados, traz para o ensino muitos transtornos e dificuldades, desmotivando ainda mais o trabalho do professor, visto que muitas vezes as turmas são numerosas e mescladas. A maioria dos alunos que buscam o ensino profissionalizante,

trabalham e estudam, fato que agrava ainda mais no caso da enfermagem, pelo contingente de mulheres inseridas na profissão e pelos afazeres domésticos que ficam sob sua responsabilidade, por isso, muitos alunos buscam uma profissão com a idade mais avançada (SILVA; BRAUN; LIMA, 2015).

Após serem lidos consecutivas vezes os artigos encontrados, foi possível elencar no material e extrair dos textos, temas de interesse nesta pesquisa e interpretá-los a partir do objetivo proposto. Foram encontrados um total (n=07), que apresentaram características às do universo da pesquisa.

Observa-se que a maioria, 57,14% (n=04) os estudos relacionados ao perfil dos docentes de cursos técnicos de enfermagem foram realizados com a abordagem quantitativa através de levantamento de dados de (n=145) participantes no somatório total dos estudos mais o estudo de referência de Silva, Braum e Lima (2015), o que representa uma amostra ampliada. Uma das possibilidades da escolha de estudo quantitativo pode ser por este permitir dados precisos referente a dimensões sociodemográficos que vão atender o objetivo central dos estudos: descrever o perfil dos professores. Muito embora, estudos de natureza qualitativa atinjam o proposto apresentando créditos extras como alguns apontamentos específicos e percepções dos participantes do estudo.

No que se refere aos estados onde os estudos foram realizados, temos um percentual de 28,58% (n=02) no estado do Paraná, 14,28% (n=01) no estado de Santa Catarina e 57,14% (n=04) no estado de São Paulo.

Identifica-se que a maioria (n=158) são do Gênero feminino, o que totalizada um percentual de 76,70% de mulheres atuantes na docência do curso técnico de enfermagem, em contrapartida, (n=48) são do gênero masculinos o que representa 23,30%.

Quanto a idade dos docentes segundo Riegel (1979), em termos *acadêmicos* está descrita através de cinco níveis, sendo:

Nível I: dos 20 aos 25 anos, corresponde ao período de tempo em que as bases da carreira acadêmica são assentadas, envolvendo os anos de formação universitária e aquelas após a sua conclusão. Para Riegel (1979), este nível é decisivo porque, ao longo de seu percurso, é que se forma a imagem filosófico-científica de uma nova geração de acadêmicos, dando, assim, origem a uma *orientação paradigmática* inicial.

Nível II: compreende dos 25 aos 35 anos, fase em que os professores, por estarem iniciando sua carreira, muitas vezes precisam engajar-se em atividades de pesquisa e de ensino, cuja temática nem sempre fecha com seus interesses paradigmáticos. Entretanto, através do ensino, da pesquisa e da apresentação de trabalhos é que eles tentarão divulgar sua própria orientação em confrontação com as existentes.

Nível III: abrange dos 30 aos 35 anos, correspondendo ao período em que os docentes já se estabeleceram na carreira, atuando como professores efetivos e podendo dedicar-se ao estudo de temas que fecham com seu campo de especialização. Apesar de publicarem vários trabalhos explicando sua orientação, nem sempre recebem a atenção que esperavam do meio acadêmico. Em termos de pesquisa, adquirem maior autonomia, recebendo auxílio econômico e podendo contar com um pequeno grupo de trabalho no qual constam estudantes, assistentes e candidatos a doutorado. Estes são os anos mais efetivos da carreira, durante os quais o professor tem a oportunidade de propor e explicar sua própria orientação paradigmática;

Nível IV: vai dos 35 aos 50 anos, englobando os anos em que os professores estão firmemente estabelecidos em sua carreira, ou seja, são professores plenos, têm laboratórios e temas de pesquisa próprios e são nacionalmente conhecidos, sendo frequentemente convidados para falar em encontros científicos. Continuam fazendo conferências em seminários avançados e lecionando em classes de graduação, porque estas atividades lhes ajudam na elaboração de textos sobre tópicos de sua especialização. É exatamente através de livros-texto que seus temas científicos tornam-se aceitos e confirmados pela comunidade acadêmica.

Nível V: abrange dos 50 aos 65 anos, correspondendo ao final da carreira. É o período em que o professor passa a dedicar mais tempo aos encargos administrativos em detrimento do trabalho de pesquisa e de ensino. Pouco interage com estudantes e, mesmo com seus assistentes, mantém contato através de intermediários. Passa a ocupar cargos de chefia, seja na universidade, seja em organizar ações profissionais. Em termos de produção, dedica-se à elaboração de capítulos de livros especializados e a preparar novas edições de seus textos. Seu *status* e papel continuam inalterados até sua aposentadoria. Em relação a esta última, Riegel considera que o docente não é tão afetado quanto os profissionais de outras carreiras, porque ele pode continuar atuando e produzindo, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Entretanto, não se pode esquecer que este profissional, mesmo continuando engajado no trabalho que desenvolveu ao longo de sua carreira, é afetado pela mesma sequência de eventos próprios à velhice.

No que tange ao nível de escolaridade, identificou-se que 7,28% (n=15) possui apenas graduação, 60,19% (n=124) possuem algum tipo de especialização, 24,76% (n=51) são mestres e apenas 7,77% (n=16) são doutores.

Em estudo que realizou o mapeamento do nível de escolaridade dos docentes que atuam na educação básica de Carazinho, município localizado no interior da região norte do Rio Grande do Sul (RS) permitiu uma aproximação do perfil destes profissionais da educação básica possibilitando a elaboração de estratégias e políticas educacionais mais eficazes, sobretudo em relação à formação docente. Foram analisados os níveis de escolaridade dos 611 docentes que atuaram nas 52 escolas da rede estadual, rede municipal e rede particular de ensino do Município de Carazinho/RS no ano de

2010 (FERRON; ESQUINSANI; SANTOS, 2011).

O resultado desta pesquisa, mostra que Carazinho/RS, encontra-se acima da média do nível de escolaridade do Estado do Rio Grande do Sul. Outro nível de ensino avaliado refere-se à formação no nível de ensino superior com formação em licenciatura. Em valores percentuais, em Carazinho/RS o número de profissionais exercendo suas funções sem a devida formação em cursos de licenciatura representa 8,84% dos professores nas três redes de ensino (estadual, municipal e particular), enquanto no Estado, nas mesmas três redes, este percentual atinge os 24,82% (FERRON; ESQUINSANI; SANTOS, 2011).

Portanto, Carazinho/RS, no que se refere ao nível de formação de seus educadores, está perto de atingir o que determina a Política Nacional de Formação de Professores, instituída pelo Decreto 6755/2009, que prevê formar, nos próximos cinco anos, professores que atuam na Educação Básica e que ainda não são graduados (FERRON; ESQUINSANI; SANTOS, 2011).

Na complementação dos dados que compõe o perfil dos professores do ensino técnico de enfermagem constam relações como: Disciplinas ministradas, motivações e empregabilidade. Em relação as disciplinas ministradas no curso técnico, grande parte dos professores ministram mais de uma disciplina. Sendo, 64% (n=09) ministram três disciplinas, 14% (n=02) duas disciplinas, (14%) (n=02) ministram uma disciplina (DIAS et. al, 2014).

Quando questionados sobre a motivação para se tornarem professores, a maioria destaca que sempre teve desejo e acreditou ter vocação para este trabalho 26,8% (n=11), assim como alguns apontam realização profissional na área 17,1% (n=07). A motivação também reside na necessidade financeira e experiência na graduação 29,2% (n=12) (BACKS et. al, 2014).

Em pesquisa desenvolvida com o objetivo de identificar os motivos que levam estudantes a ingressarem em um determinado curso, identificar suas perspectivas diante da carreira docente e identificar se eles se sentem motivados pelos formadores a tornarem-se professores, o que emergiu de uma forma geral, demonstra que eles entendiam a motivação/incentivo à carreira docente como algo que pode ou não ocorrer a depender da inter-relação estabelecida com os formadores e independentemente de eles terem ou não ingressado no curso com o desejo de virem a ser professores (BRANDÃO; PARDO, 2015).

A mesma pesquisa ainda aponta que 23 estudantes (32,4%) que afirmaram ser motivados, as justificativas relacionavam o estímulo dos formadores à importância da aquisição dos conteúdos específicos e à existência de demanda no mercado de trabalho, justificativas essas que, entende -se, estariam ligadas a uma lógica técnico-instrumental no currículo posto em prática por formadores e discentes (currículo ativo) do curso bem como relacionadas ao estímulo recebido a partir de impressões subjetivas e de valores que os formadores explicitavam, tais como vivência em sala

de aula, importância dos educadores, gosto e satisfação pela profissão, realidade da situação do ensino no país e desejo de mudanças, ou mesmo a partir de impressões subjetivas implícitas que o licenciando percebia, tais como o exemplo dado pelo formador, o seu profissionalismo. Muitos professores estimulam a atividade docente, seja passando atividades voltadas para a área de ensino, seja pelo exemplo de professor que é (BRANDÃO; PARDO, 2015).

Em outro estudo que corrobora com o nosso, propôs-se a analisar as representações de estudantes de licenciatura em pedagogia acerca da profissão de professor, bem como compreender o interesse dos mesmos pelo exercício da docência, especialmente na educação básica. Participaram da pesquisa 120 alunos dos cursos de pedagogia/licenciatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em fase intermediária ou de conclusão de curso. Os resultados possibilitaram considerar que, embora a representação positiva da função social do professor contribua para o interesse ou admiração pela profissão, esse aspecto apenas parece insuficiente para motivar a permanência de estudantes nessa carreira, o que aponta para a necessidade de mudanças nas condições de trabalho e no contexto de desvalorização social da profissão docente, aspectos percebidos como negativos por esses estudantes (SÁ; SANTOS, 2015).

Quanto à dedicação a docência, a maioria (n=10) dos sujeitos possui outros empregos (71,4%), porém (n=04) conseguem ter dedicação exclusiva à docência (28,5%). A maior parte dos docentes 64,3% (n=09) possui apenas um contrato hora/aula, e 28,5% (n=04) tem contrato baseado na consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), e a minoria (n=01) estudada o que representa 7,1% dos docentes têm contrato por CLT e autarquia.

Igualmente, sentir-se bem no e com o trabalho, desenvolvendo uma atividade profissional que possibilite algum tipo de reconhecimento e identificação pessoal, é uma das condições para a qualidade da educação em geral e, que se caracteriza por um elevado nível de envolvimento afetivo-emocional com os educandos. A amorosidade é destacada por Paulo Freire (1996) como um dos saberes necessários à docência, podendo-se mesmo afirmar que seja uma das condições de sua realização, mas não pode ser entendida como antagônica à formação científica séria e à clareza política dos educadores. Assim, é “preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade” (FREIRE, 1996)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura a respeito do tema deste estudo nos permitiu compreender o perfil dos docentes do curso técnico de Enfermagem no Brasil e de como vem ocorrendo a educação profissionalizante no Brasil. Foi possível identificar que os docentes predominantes são do sexo feminino, faixa etária entre trinta e trinta e nove anos, a maioria encontra-se satisfeita como docente, grande parte dos professores ministram mais de uma disciplina e a maioria dos sujeitos possui outros empregos.

Os docentes em sua grande maioria, não tem a formação pedagógica necessária para a atuação nesta área, sendo comum aos professores, em sua maioria ministrarem múltiplas e distintas disciplinas, aliado ainda a este fato, encontra-se outros agravantes como a conciliação de mais de um emprego, e a desmotivação salarial.

Para que haja uma aprendizagem significativa é preciso buscar novos métodos de ensino, novas alternativas e recursos inovadores que possibilitem aos educandos criarem seus conceitos, descobrirem novos meios para se chegar a um resultado e aprender de forma dinâmica, bem como a importância do profissional bem qualificado, capacitado e habilitado para a função da docência.

Não basta o educador conhecer bem o conteúdo, tanto na teoria como na prática, ele deve saber ensinar, passando seus conhecimentos para o educando de forma que ele entenda o que está sendo transmitido. Neste prisma, sugerimos para que mais estudos nesta área sejam construídos para embasar a construção de projetos pedagógicos das instituições de ensino.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BACKS, Vânia Marli Schubert. et al. Características de formação e trabalho de professores de nível médio em Enfermagem. **Rev Rene**. v. 15, n. 6. 2014. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/1767/pdf>. Acessado em: mai 2017.
2. BRANDÃO, D. F.; PARDO, M. B. L. O interesse de estudantes de pedagogia pela docência. **Educ. pesqui**. v. 42, n. 2, p. 313-329. 2016. Disponível em: <http://quimicanova.sbq.org.br/imagebank/pdf/v39n1a15.pdf>. Acessado em: jul 2017.
3. BRASIL. Resolução nº2, de 26 de junho de 1997. Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional de nível médio. Diário oficial da união, Brasília, 15 de junho de 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp002_97.pdf. Acessado em mai 2017.
4. BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1986.
5. CAMPOS, Miriam Lucia Dutra.; GRECO, Patrícia Bitencourt Toscani. **Atividade no curso Técnico em Enfermagem: Um relato de Experiência**, 2011. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/enfermagem2011/Trabalhos/741.pdf>. Acessado em: mai 2017.
6. DIAS, Ana Paula. et al. Perfil do docentes do curso técnico em Enfermagem de uma escola publica do Paraná. **Fiep Bulletin**. v. 84, special edition – article II. 2014. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/viewFile/4550/8900>. Acessado em: mai 2017.
7. FERRON, A.; ESQUINSANI, R. S. S.; SANTOS, F. R. C. Nível de escolaridade

- docente: implicações para a pesquisa e as políticas públicas. **X Congresso nacional de educação- Educere- PUCPR**. 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4531_3433.pdf. Acessado em: jul 2017.
8. FROZONI, Raquel Cequalini. Identidade profissional e perfil dos professores dos cursos de educação profissional técnica de nível médio em enfermagem de um município do interior do estado de São Paulo. **Dissertação de mestrado apresentado a escola de Enfermagem de Ribeirão Preto**, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/RAQUELCEQUALINIFROZONI%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/RAQUELCEQUALINIFROZONI%20(1).pdf). Acessado em: mai 2017.
 9. FROZONI, Raquel, C.; SOUZA, Maria, C.B. M. Educação profissional técnica de nível médio em enfermagem: Perfil sócio econômico dos professores de Ribeirão Preto- SP. **Rev Gestão e Saúde**. 2013. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/2012/59/2012_59_4029.pdf. Acessado em: mai 2017.
 10. PARECER CNE/CEB Nº 39/2004. **Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de nível médio e no Ensino Médio**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer392004.pdf. Acessado em: jun 2017.
 11. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.
 12. PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PNE. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>. Acessado em: jun 2017.
 13. SÁ, C. S. S.; SANTOS, W. L. P. Motivação para a carreira docente e construção de identidades: o papel dos pesquisadores em ensino de química. **Quim. Nova**. vol. 39, N. 1, p. 104-111. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/0100-4042.20150155>. Acessado em: jul 2017.
 14. SILVA, C. R.; PIMENTEL, B. R.; FINARDI, K. R. Refletindo sobre a evasão em um curso técnico do pronatec. **Rev cienc humana**. 2014. v.15, p.239-247. Acesso em: abr 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/490-1870-1-PB.pdf>. Acessado em: mai 2017.
 15. SILVA, Maristela, F.; BRAUN, Janice, R.; LIMA, Ivone, T. C. Caracterização do perfil dos professores que atuam no curso técnico de enfermagem no colégio estadual Jorge Schimmelpfeng da cidade de Foz do Iguaçu. **Rev eletrônica científica inovação e tecnologia**. v. 01, n. 11, 2015. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/4269>. Acessado em: mai 2017.
 16. SOUZA, Eunice G.; PRESOTO, Lucia H. O perfil dos docentes do ensino técnico profissionalizante em enfermagem. **Rev Recien**. 3(9): 23-30, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/59-290-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/59-290-1-PB%20(1).pdf). Acessado em: mai 2017.
 17. VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOSWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações

conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.** v. 14, n. 41, p. 165-189. Acesso em: mai 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/dialogo-12623%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/dialogo-12623%20(1).pdf).
Acessado em: mai 2017.